



O que (não) pode um corpo?

Seiji Rocha Watanabe¹

Universidade Federal Fluminense

sejirw@yahoo.com.br

Resumen: A despeito das concepções de corpo, há entraves no contemporâneo que sedimentam o *modus operandi* dos recentes ativismos de gênero. Embora os movimentos sociais almejem a multiplicidade de formas de vidas, eles podem evocar gestos do passado. A partir da concepção de MA, 間, um ideograma japonês que designa, grosso modo, *entre-lugar*, esse trabalho se constrói como uma possível crítica às reivindicações de gênero. Concebendo o corpo como um fluxo em crise, pensa-se processualmente em como ele pode tornar sua existência, de fato, múltipla. O nome que o acompanha recobre, na realidade, uma tentativa de condicioná-lo, senão de aprisioná-lo em termos linguísticos.

Palabras-clave: Identidade – Representação – Corpo

Abstract: Despite the conceptions of body, there are hindrances in the contemporary that invigorate the *modus operandi* of recent gender activisms. Although the social movements target the multiplicity of life forms, they might elicit gestures from the past. From the conception of MA, 間, a Japanese ideogram that reads, roughly, *in-between*, the present paper builds itself as a possible criticism of gender claims. Conceiving the body as a stream in crisis, one thinks procedurally about how it can mold its existence into something, indeed, multiple. The name that accompanies it encloses, in fact, an attempt of conditioning it, or else, imprisoning it in linguistic terms.

Keywords: Identity – Representation – Body

¹ **Seiji Rocha Watanabe** es estudiante en el curso de Letras – Português/Francés en la Universidad Federal Fluminense. Participa como miembro del grupo de investigación del directorio de CNPQ, “La literatura brasileña contemporânea y su crítica”.



Coisas que são iguais embora soem diferentes [...] A fala do homem, a fala da
mulher.

Shonagon, *Livro de travesseiro*

Ativismo e fazer teórico são coisas distintas. Não que o fazer teórico seja apolítico, pelo contrário, mas as reivindicações não devem desdobrar o rigor conceitual. Há operações que, na verdade, se constituem como reclamações e não propõem uma mudança substancial nos modos de vida.

Admitindo o corpo como o lócus do vazio em que tudo pode vir a ser, procura-se pensar em como as regulações geridas pelos dispositivos de poder cristalizam a potencialidade corporal. Uma dessas regulações explica a redução das manifestações corporais a um mero nome: o *queer*.

Apesar de propor o lócus do *entre-lugar*, o *queer*, os novos ativismos recorrem à tecnologia da identificação inerente ao homem-branco-europeu, da qual buscam se desvincular. Cristaliza-se o corpo para que ele possa ser representado nominalmente a partir de seus exteriores.

Escapar dos dispositivos que o regulam nominalmente implica pensar processualmente: o corpo está em crise. Fatores exógenos o atravessam, mas jamais o condicionam. Pensar o corpo enquanto processo implica traçar uma linha de fuga às cristalizações, intrínsecas às linhas regulatórias de poder. A insistente pergunta de Espinosa que reverberou até Deleuze, portanto, ainda se faz presente

O que pode um corpo?

Usando como disparador fricções nos movimentos contemporâneos de gênero, que produzem o termo *queer*, em contraponto à noção de MA, presente em manifestações artísticas do *butô*, busco pensar numa formulação a qual envolva gênero, corpo e as biotecnologias que o condicionaram e ainda o condicionam. MA, *entre-lugar*, recobre suporte para a construção de uma crítica ao termo *queer*, e suas derivadas identidades.



Proponho um desarme do dispositivo moderno. É o que chamo de olhos de butô. Esse exercício para a dança se resume no enquadramento do olhar. O ato quebra com a poderosa técnica moderna: o *ocularcentrismo*. Os olhos se centralizam à ponta do nariz com o objetivo de mirar o que há muito tempo esteve em *contra-campo*: o corpo. É a destruição da perspectiva e da mirada, pela qual nos acostumamos a enxergar desde o advento moderno-colonial.

Nuestro cuerpo baila continuamente. Incluso un cuerpo sin moverse, baila: las venas pulsan, el corazón orienta el ritmo, los ojos abren y cierran en respuesta, la melodía de los órganos nos es escuchada pues pasamos toda la vida inmersos en su sinfonía. Y quizá ese sea el problema, nos olvidamos de nosotros mismos. No es la hora de buscarnos a nosotros?

Os movimentos sociais replicam as mesmas tecnologias?

Vale ressaltar que o tango era originalmente dançado por homens. Como assinalou Borges em seu livro *El Tango* (2016), os casais argentinos no ato de dança, no fim do século XIX, não eram considerados como homossexuais, tampouco queer – o que estará em questão nesse trabalho. A parceria masculina fazia parte da constituição da dança como tal.



² Escanea el código QR utilizando la cámara de tu teléfono.



O termo *queer* opera como termo normativo, refazendo os processos de conhecimento acerca de si. Um exemplo disso é um título de um vídeo, que pode ser facilmente achado no *youtube*: Tango queer em oposição ao tango que era dançado originalmente por homens. As regras em tensão provocam novos aspectos de subjetividade. E justamente essa tensão dialoga com as capacidades de uma denominação - pensando nas tecnologias de poder, de si e de sistema linguístico (Foucault 323) - de restringir a existência a um nome.

Em uma recente entrevista à TV UNAM, Cusicanqui adverte que as políticas de identidade, no meio de campo dos movimentos sociais, é atravessada por uma fase essencialista e nominalista. De encontro com suas proposições, penso que essa política valida o cerceamento de existências que se diferem do esperado, de modo a não reivindicar por uma real mudança.

Os movimentos sociais privilegiam por uma condição de vida, como exposto, essencialista e nominalista, repetindo um processo que deixou o corpo à margem da história.

Sobre o disciplinamento do corpo: tecnologias de generização corporal

O corpo não tinha valor. O corpo tinha que viver para que a força de trabalho
pudesse viver
Federici, *Calibã e a bruxa*

Antes de começar, é preciso localizar um importante giro ontológico ocorrido pós-ocupação da América.

Quando Descartes estabelece a divisão entre mental e físico, o corpo se restringe a uma morada da alma pensante. Na realidade, o corpo se torna uma mera funcionalidade subordinada às faculdades mentais. Em termos mecânicos, cada membro e cada órgão atuam como mecanismos, que compõem um autômato. Nessa proposição de constituição física, postula-se um auto-disciplinamento a partir de seus próprios mecanismos.



Ante esse controle autogerido, pode-se estabelecer uma ponte com as formulações de biopoder. A conversão da sociedade de controle para a sociedade disciplinar decorre epistemologicamente da figura do homem-máquina cartesiano, que internaliza seu próprio cerceamento.

O movimento LGBT por mais que queira introduzir novas formas de inscrições sexuais, replica uma ação da lógica operacional da qual busca se desvincular. Entre elas, listo três:

Princípio de identidade: Na lógica *adotada* nesses últimos cinco séculos a identificação abole o sujeito. Subjetivando-o. A abolição do sujeito é um fator que funda nossa *épistémè* moderna: conhecer a si mesmo. O indivíduo abandona sua potencialidade enquanto um ser vivente para ser capturado por um dispositivo nas relações de poder, inerente à conformação em um grupo maior. O conhecimento resulta no distanciamento do sujeito com seu corpo.

O conhecimento de si, em contraponto ao cuidado de si, propõe um acesso religioso, sobre o qual nossa *épistémè* se baseia no processo de distinção entre humanos e não-humanos ao longo do sistema colonial.

Ascensão da *scientia sexualis*: Não é possível analisar as biopolíticas que circunscrevem as tecnologias e técnicas sexuais, sem pensar nas tecnologias de poder que produziram o corpo europeu, corpo humano, e o corpo não-humano. A figura do humano é concebida a partir da premissa de que ele seria a imagem e semelhança de Deus – logo, dotado de razão.

Longe de pensar que a dualização dos gêneros foram desdobramentos modernos. No entanto, o vigor que os separa ganhou crença a partir da ascensão do capitalismo, pós-século XVI.

A perspectiva monocular: insólita, é uma dessas tecnologias. resulta assim em uma percepção de mundo pela razão. O olho se põe no centro do mundo como fonte de apreensão.

O cogito cartesiano, como visto, é outra tecnologia.

Essas técnicas produzem dois encadeamentos: A separação de campo e contra-campo, e de alma e corpo. O que está em campo, aliado à alma, está



no domínio do conhecível. O corpo é posto no domínio da imoralidade. O que está em contra-campo é aquilo que esteve à parte de fora da *janela do mundo*, movimentos aberrantes que borram as os limites ser homem e ser mulher.

Perceba que entre a infame história da Modernidade e a história do corpo há um paralelo. Quem ocupa o lugar do humano racional é o homem europeu. Sob o aval divino, ele toma sob judice as Novas Terras e a missão de trazer Deus entre os não-humanos. Quem gere esse processo é aquele que detém uma alma cristã, capaz de raciocinar segundo as lógicas da razão. Em contraponto, o corpo e a América dos não-humanos são aproximados, não por acaso, como circunstâncias abjetas, a serviço de uma alma pensante que lhe dê o direcionamento de vida. Esse movimento legitimou a dominação de cultura eurocêntrica na América Latina.

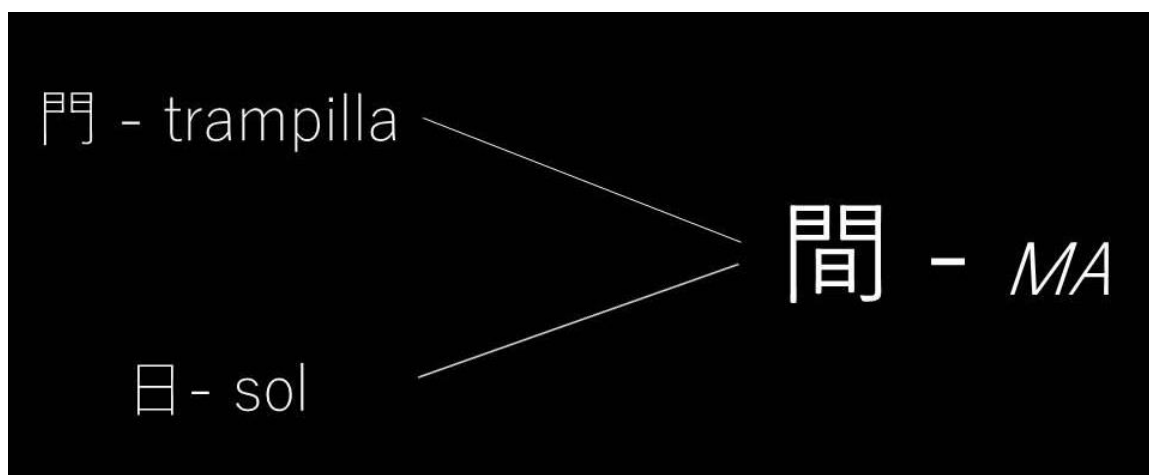
Podemos pensar em linhas de fuga que efetivamente possam desestabilizar essas tecnologias de poder? De que forma?

O processo que instaurou historicamente a oposição dos gêneros realça as violências cometidas não só contra às mulheres, mas também às populações exteriores à Europa.

É possível devir entre o vazio?

Ao falar sobre uma intenção de fazer uma pesquisa sobre o MA ao professor e arquiteto Kawazoe Noboru, a seguinte profecia foi lançada: "Se tentar conceituar o MA, 間, o único destino é o MA, 魔, e não alcançará o MA, 真". (OKANO, 2007:)

Há três definições de MA. O primeiro, aqui listado, 間 recobre a noção estética do *entre-lugar*. O segundo MA, 魔, *demônio*, terceiro MA, 真, *verdade*. Ao conceitualizá-la, o caminho se perde e atinge demônio, ao invés da verdade.



A noção do MA opera como um *entre-lugar*, negatividade espacial, no qual há um fluxo contínuo entre som e silêncio. No que diz respeito ao MA, sua principal característica é *devir* entre os pares opositivos, ganhando potência no vazio. A permanente articulação entre presença e ausência rege toda a ação. MA representa o fluxo de luz solar que entrecorta uma passagem.

O som adquire vida na dissonância, não na sintonia (Ohno 52).

Ku e *shiki*, vazio e forma, consubstanciam a operação que explica MA. O mundo é formado quando a forma existe ao lado da coexistência da não-forma. Estendendo para a impermanência das coisas. A ambivalência dos opostos deriva da apreensão de que o aqui e agora estaria conjunto à infinidade do tempo.

A lógica intervalar, MA, 間, não almeja a busca de conhecimento no mundo. A epistemologia ocidental, por sua vez, se direciona a sua implosão a partir de um estado desestabilizador, como o MA.

A acepção (i)lógica, que delinea a impermanência do ininterrupto, obstrui o funcionamento das tecnologias de generização corporal, as quais foram marcadas e legitimadas por uma razão sólida e invariável.

A espacialidade ocidental é marcada pelo *ocularcentrismo*. A perspectiva geométrica vem de uma série de tratados que coloca o olho como o centro do universo. O sujeito conhece o mundo pela razão de ordenamento de tempo e espaço, inerente ao homem branco europeu. Tempo catástrofe.



O que não pode um corpo?

O tempo infinito que atravessa o corpo que dança. Há qualquer coisa de catastrófico no tempo, e há acontecimentos catastróficos que produziram o tempo histórico. O corpo que dança *butô* entremeia essas catástrofes, tornando visíveis as fronteiras condicionais que definem a realidade do corpo humano. *Corpo gênese*.

O corpo está em permanente colapso. Linhas reguladoras que capturam o indivíduo, subjetivando-o, sempre existiram. Tudo se materializa pelo corpo. O corpo que dança *butô* opera no limiar desse indiscernível. Se existe um espírito, existe um corpo que o antecede, que o acontece. De qualquer forma, o corpo não é um objeto puro, senão um algo que se movimenta nos limiares de sua individualidade. Ele é o entrecruzar do visível e do invisível, do dentro e do fora. O *butô* é esse vento que sopra no oco dessa relação.

A potencialidade do *corpo gênese* (UNO 52) expurga e realça as catástrofes que renderam os aprisionamentos históricos, pensados como resultados de linhas de autoridade produzidas por supostas biopolíticas.

Corpo moderno é o corpo sobre o qual os movimentos sociais assentam suas reivindicações. Por outro lado, não é preciso recorrer às tecnologias de identificação para conferir a existência do sujeito. As múltiplas chances de devir não serão batizadas, a potência que confere a multiplicidade não terá jamais uma essência restrita. É preciso operar fora das tentações nominalistas e essencialistas.

Se há corpos – e não só corpos, como também epistemologias e práticas religiosas – que foram dizimados ou que estão à margem, é porque elas infringem a expectativa do ser, constituído segundo parâmetros eurocêntricos, em pleno largo da colonização. Vale destacar que esses parâmetros não estão paralisados: são tecnologias que se atualizam ao passar do tempo.

Al bifurcarse,
la senda, me pregunto
por dónde ir.
(SOSEKI 139)

O *corpo gênese* é além do corpo que não se reterritorializa, *corpo sem órgãos*, que pode afetar e ser afetado. Fluido e composto por partículas infinitas que variam sem cessar, ele é antes de tudo um devir, e além de estar sempre em movimento, ele é catastrófico. Ele é histórico.



V Congreso Internacional CUESTIONES CRÍTICAS

Rosario, 17, 18 y 19 de octubre de 2018

Se algo não está dentro de você, então não reverbera – mesmo que você tenha técnica, mesmo que seja o seu grande esforço. Não há dúvida. O que é alma? E o desejo da alma? O que o espírito quer transmitir? É um problema candente. Na vida cotidiana, na dança, o que queremos transmitir algo, só conseguiremos se o extrairmos, assim, de nossas raízes, e o mostrarmos dilacerados. (Ohno 44)

O corpo gênese assume a lógica intervalar do MA ao irromper com as linhas de forças que insistem em tornar estático o fluxo de movimento. Presumindo que o *nada* em movimento é ponto disparador, a razão moderna, pela qual fomos habituados a operar, é incapaz de determinar uma ideia estática.

Nosotros cerramos los ojos y no miramos nada. No es así? Pero cuando bailamos no podemos cerrar los ojos. De ojos abiertos, bailamos con los ojos que no miran. No necesitamos mirar, pero solamente bailar. Vivir es eternamente posible en esas condiciones. Bailen con la vida! (102)

Bibliografía

Cusicanqui, Silvia. “TV UNAM, 02/11/2018”. www.youtube.com. Web. 19/12/2018.

Federici, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

Foucault, Michel. *Tecnologias de si*. Verve. 6 (2004): 321-360.

Ohno, Kazuo. *Treino e(m) poema*. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

Okano, Michiko. *Ma: entre-espço da comunicação no Japão – Um estudo acerca dos diálogos entre Oriente e Ocidente*. São Paulo: Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – PUC – SP, 2007.

Shonagon, Sei. *Livro do travesseiro*. São Paulo: Editora 34, 2013.

Soseki, Natsume. *Tintes del cielo*. Gijón: Satori, 2016.

Uno, Kuniichi. *A Gênese de um corpo desconhecido*. São Paulo: N-1 Edições, 2012.